

roda viva 8 andel



as cicatrizes

Todos os direitos reservados © - dezembro de 2021

Vilarejo Metaeditora

[www.vilarejometaeditora.com.br](http://www.vilarejometaeditora.com.br)

Paulo Roberto Andel e Zeh Augusto Catalano

Versão beta digital em cortesia, disponibilizada pelo site  
Panorama Tricolor com autorização do autor.

CPF 944.276.317/20

Capa: Andel, cúpula do CCBB-RJ, 2021

Contracapa: Andel, intervenção sobre arte de Renato Martini,  
2021

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-919299-6-2



9 788591 929962

## ARGUMENTO

Livros de futebol não devem ser limitados a coletâneas de vitórias e felicidade. Nenhum time do mundo é feito só de alegrias. As falhas, derrotas e fracassos fazem parte do processo de construção e evolução de qualquer equipe.

Não é a primeira vez que mexo em temas que podem ser considerados desagradáveis. Ainda há muito a ser feito. Sem falsa modéstia, a feitura deste livro me cabe pela minha longa carreira literária no futebol brasileiro, e boa parte desse trabalho foi enaltecendo o nosso time, queiram ou não seus dirigentes e grupos políticos.

Nos últimos anos, o Fluminense que alimenta o meu sonho e o de tanta gente parece ter sido sequestrado e mantido como refém de uma mentalidade distante das tradições do clube. Neste libreto, que é o oitavo da série Roda Viva e talvez seja o último, convido os tricolores a uma reflexão sobre quem fomos, quem hoje somos e o que está por vir. Muito obrigado por prestigiá-lo.

Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 2021,

O autor

## NOVE ANOS DE FIGURAÇÃO

Dia 17 de novembro de 2021, quarta-feira, cerca de 22 horas. O Fluminense está em campo diante do Juventude, perdendo por 1 a 0 no simpático estádio Alfredo Jaconi. O jogo só é transmitido pela TV fechada. Melhor assim.

Há muito tempo, o Fluminense alterna poucas exhibições de boa e até ótima qualidade com uma arroba de partidas sofríveis, até mesmo quando parece ter times capazes de vôos maiores. Neste ano de 2021 a irregularidade tricolor é a regra.

No grupo de whatsapp, meus amigos que participam do meu site estão inconsoláveis. Misturando desejo, fé e delírio, eles tentam ver algo de bom em uma partida miserável do

ponto de vista técnico. Nós, torcedores, tentamos nos apegar a mínimos feitos para engrandecê-los, tentamos ver ouro onde só há terra, sonhamos com a materialização dos nossos bons desejos para o time, só que não adianta: há muito tempo o Flu convive com a marca de figurante, de time que está nas grandes competições mas apenas para participar delas.

Ao mesmo tempo em que os amigos se esfalfavam para salvar o Fluminense com muita torcida, o próprio time não mexia uma vírgula em campo, perdendo de forma esdrúxula e completamente diferente de três dias atrás, quando bateu o poderoso Palmeiras. A briga atual do Flu é para chegar ao oitavo, sétimo ou sexto lugar, ficando satisfeito com uma vaga na pré-Libertadores. Algo totalmente distante da tradição tricolor.

Enquanto o Flu fazia mais um papelão, seu maior rival conseguia uma grande vitória no Maracanã lotado, derrubando o Corinthians por 1 a 0. O escore mínimo permitiu ao Flamengo ainda sonhar com a conquista do terceiro título brasileiro consecutivo. Enquanto isso, o Fluminense completou nove anos sem títulos, ainda que alguns torcedores celebrem a efêmera Primeira Liga ou títulos como os dos turnos do Campeonato Carioca, apenas para tentar amenizar o período mais triste da história profissional do Fluminense, porque é o único marcado pela completa figuração do clube nas competições, incapaz de disputar títulos mesmo nas raras finais e situações decisivas que disputou desde o grande título brasileiro de 2012.

Os mais afoitos certamente vão mencionar o período 1996-1999 como o pior de todos, e isso é compreensível: afinal, foram tempos em que o Fluminense literalmente desmoronou, caindo da primeira para a terceira divisão. Contudo, mesmo sem amenizar o desastre, é impossível não dizer que o Fluminense fez uma segunda divisão relâmpago, com apenas dez partidas - bem diferente das quase quarenta atuais -, e que só caiu para a série C porque o inacreditável regulamento determinou a queda de seis equipes, algo até então inédito e ainda único no futebol ocidental, no mínimo. E o Fluminense acabou preenchendo a vaga como último rebaixado. Um único gol teria evitado aquela tragédia. Bom, mas é preciso dizer que nem em seus anos mais difíceis o Fluminense abdicou do protagonismo: decidiu a Taça Rio de 1997, venceu Fla x Flus com gols de jogadores como



Nildo e Dirceu, e na temporada mais difícil de sua história - 1999 - começou o ano aplicando uma sonora goleada de 4 a 2 sobre o poderosíssimo Vasco. Apesar de todas as dificuldades, o Fluminense campeão da série C teve a quinta melhor média de público do Brasil, superando 16 equipes na série A. Voltando ao seu lugar na Copa João Havelange em 2000, o Flu terminou a primeira fase do Brasileirão em terceiro lugar, com grandes atuações. E poucos se lembram de que o São Caetano, time que tirou o Tricolor da disputa do Brasileiro daquele ano, eliminou Grêmio e Palmeiras a seguir, para decidir o título contra o Vasco - e ter passado por três grandes equipes mostra o poderio do time paulista naquele tempo.

Ainda em recuperação, o Fluminense disputou as semifinais dos campeonatos

brasileiros de 2001 e 2002. Ou seja, voltou brigando por títulos. A época dos rebaixamentos é um capítulo triste da história do Fluminense que nunca mais pode se repetir, mas os tricolores tinham certeza de que era uma fase temporária, o que acabou acontecendo, e que em momento algum o Flu abriu mão do desejo de títulos.

O que temos vivido é muito grave.

## A DIFERENÇA ENTRE 1986-1994 E 2013-2018

Muitos se referem aos quase dez anos sem títulos que o Fluminense viveu a partir dos anos 1980 como uma época de vergonha. O tempo e a maturidade permitem questionar isso.

É certo que o Flu passou por gestões escabrosas naquele tempo, enquanto contratava jogadores de qualidade muito duvidosa. Era um clube sem dinheiro. No entanto, ao contrário de agora, havia uma diferença significativa: ainda que não fosse campeão, o Fluminense disputava os títulos.

Vejamos: semifinais dos campeonatos brasileiros de 1988 e 1991; final da Copa do

Brasil em 1992; finais dos campeonatos cariocas de 1990, 1991, 1993 e 1994 (nesta última competição, o time chegou à última rodada do quadrangular final dependendo somente de si para conquistar o título).

Embora não sejam propriamente considerados títulos, mas etapas, o Fluminense ganhou a Taça Rio de 1990, mais as Taças Guanabara de 1991 e 1993, além de ter decidido a Taça Rio de 1988.

No exterior, o Flu ganhou a Copa Kirin em 1987, sobre o time do Torino e as seleções nacionais de Senegal e Japão, além do Torneio de Kiev em 1989, superando Bangu, Roma e o anfitrião Dínamo.

Desde 2013 até aqui, o Fluminense conquistou a Taça Guanabara de 2017, mais

as Taças Rio de 2018 e 2020, além da Primeira Liga em 2016. Os três anos de conquistas de turno credenciaram o Flu a três finais do Carioca, sendo uma perdida em 2017 com arbitragem polêmica ao extremo, mas as outras duas significaram figuração: o Tricolor foi atropelado em ambas pelo rival da Gávea.

Sua melhor colocação nos campeonatos brasileiros foi o quinto lugar em 2020, que no entanto não se materializou em uma briga efetiva pelo título, mas sim uma sequência de bons resultados sem chegar perto da liderança.

Nas temporadas de 2013, 2015, 2017, 2018 e 2019, as participações do Fluminense no Campeonato Brasileiro foram pífias, lutando

contra o rebaixamento e se salvando nas últimas rodadas. A temporada 2015 chegou a ter o Fluminense no G4 ao término do primeiro turno, mostrando o desastre que foi o segundo.

## O QUE PIOROU?

Desde a incrível tarde do tetracampeonato brasileiro em 2012, o Fluminense perdeu sua rota. Não que velhos problemas não existissem, naturalmente, mas a longa travessia ao lado da patrocinadora Unimed garantia nomes expressivos no elenco tricolor. O Flu era protagonista: em três anos, havia ganho dois Brasileiros (2010 e 2012), um Carioca (2012) e disputado três Libertadores.

O desastrado Brasileiro de 2013 só não foi ainda pior porque a inexplicável Flaminguesa - assunto que alimentou centenas de crônicas e artigos, posteriormente livros - evitou o caos. Numa situação que envolvia delírio e hipocrisia, a militância política de situação no Fluminense passou ao seguinte discurso: a gestão tomou posse do título do tetra e empurrou a conta do fracasso em 2013 para a patrocinadora.

Em 2014, o último ano da Unimed no Flu ainda contou com a volta de Conca e a manutenção de alguns craques do tetra, mas o terreno já não era firme. A perda da vaga na Libertadores nas últimas rodadas foi o marco final da parceria, que teve prós, contras, debates mas inevitavelmente levou o Fluminense a resgatar seu orgulho e condição de protagonista, ainda que a Era Unimed

tenha menos títulos do que seu potencial prometia.

Chega 2015 e um "novo Fluminense" veio a campo, cheio de apostas desconhecidas, encampadas pelo então homem forte do Flu, Mário Bittencourt. A boa colocação no primeiro turno foi destroçada pelo quase rebaixamento no segundo. Para piorar, a contratação de Ronaldinho Gaúcho - vista por muitos como uma cartada eleitoral para o ano seguinte - foi um fracasso retumbante, infelizmente. O Fluminense terminou a competição em 13º lugar, o mesmo que alcançaria em 2016.

Nas três temporadas a seguir, o Tricolor invariavelmente lutou contra o rebaixamento, ficando com o 14º lugar em 2017, o 12º em 2018 e o 14º em 2019. Em 2018 o



Fluminense ainda teve a repetição de um componente dramático, que já havia vivido nas temporadas de 2003 e 2013: chegar à última rodada com risco real de rebaixamento. Para se safar, precisou vencer o América Mineiro no Maracanã por 1 a 0, gol de Richard, com direito a uma salvadora defesa de pênalti do goleiro Júlio César quando o jogo estava 0 a 0.

No cenário internacional, a melhor colocação do Fluminense foi chegar às quartas de final da Copa Sul-Americana em 2017, sendo eliminado pelo Flamengo.

## E A PRIMEIRA LIGA?

Uma conquista digna de comemoração como qualquer outra, a Primeira Liga hoje tem uma função burlesca: ser usada como desculpa para justificar o desastroso período 2013-2021, com o argumento de que foi um título importante e que, com isso, o Fluminense não está há quase uma década sem títulos relevantes. E isso é uma mentira deslavada.

Surgida como uma "verdadeira revolução no futebol brasileiro contra as federações", liderada pelo então presidente tricolor Peter Siemsen (...), o fato é que no meio do caminho a Primeira Liga já estava esvaziada.

Foi uma competição de tiro curtíssimo, com critério de convites, com 12 clubes divididos em três grupos de quatro equipes, classificando-se os primeiros colocados de cada chave para as semifinais, somados ao melhor segundo colocado dos três grupos. A divulgação foi muito pequena, boa parte dos jogos teve públicos minúsculos e ninguém se lembra de uma única partida de alto nível técnico na competição. Basta dizer que o Fluminense só teve público significativo na decisão, e jogou a semifinal para pouco mais de 6.000 pessoas.

Bom, deixando tudo isso de lado, o Fluminense se classificou depois de vencer Cruzeiro e Criciúma e perder para o Athletico. Na semifinal, o Flu bateu o Inter nos pênaltis por 3 a 2 após empate em 2 a 2 no tempo normal. Chegando à decisão, bateu o

Athletico por 1 a 0, gol de Marcos Júnior, conquistando o certame depois de cinco partidas. É claro que houve comemoração, mas ela foi muito mais em função da seca desde 2012 do que qualquer outra coisa. Torneio relâmpago pode ser tratado como um título relevante? Vale a ampla discussão.

Comemorar e celebrar a conquista não significa tratar a Primeira Liga como algo maior do que ela realmente é. Cinco anos depois de sua disputa, quase metade dos times participantes pertencem às divisões inferiores do futebol brasileiro ou está quase caindo da primeira. Talvez se a competição tivesse se mantido e prosperado, poderia ter uma maior valorização, mas para se ter uma ideia, ela terminou depois da segunda edição, onde o Fluminense foi eliminado pelo Londrina, futuro campeão, por 2 a 0 nas

quartas de final. Sinceramente, quem se lembrava disso?

Para os que pretendem usar a Primeira Liga como um escudo político, atacar o período 1986-1994 como a era sem títulos vira hipocrisia. Afinal, a Copa Kirin de 1987 e o Torneio de Kiev de 1989 foram vencidos orgulhosamente pelo Fluminense, contra grandes equipes e seleções internacionais. Você, que comemorou como nunca aquele gol de barriga, achava estar há quase uma década sem títulos ou não? Cartas para esta redação.

## O MODUS OPERANDI

O "novo Fluminense" foi decretado por empirismo a partir de 2011, mas seu estilo só apareceu para o público depois da última grande conquista do clube, no Brasileiro de 2012.

Desde então, o ideário político vigente, coordenado pelo grupo "Flusócio" e, a seguir, por seu descendente "Tricolor de Coração" foi baseado em alguns pilares nem sempre captados por olhares distraídos.

Com uma rede de comunicação em massa, priorizando o Twitter e posteriormente o WhatsApp, criou-se uma verdadeira máquina de ódio jamais vista entre tricolores em toda a

história do clube - e se você vê semelhanças com situações da política nacional que hoje se encontram sob investigação e processos na Justiça, não se trata de coincidência.

Primeiro, era preciso eliminar o passado. Deixá-lo de lado. O discurso de que "só a Libertadores interessa" tornou o Fluminense um clube sem atrativos, mesmo com suas dezenas de conquistas.

Depois, o discurso marcial da "New Order" tricolor: "Cumpra o seu dever: seja sócio". "Faça a sua obrigação". "Apoie integralmente sem discutir". Por trás de um discurso aparentemente apaixonado, estava uma verdadeira lavagem cerebral com a ideia do apoio incondicional. Quem apoia tudo não critica nada e, com isso, fica aberta a margem

para a prática de erros que vão dos mínimos aos mais graves.

Em paralelo, uma campanha perversa de satanização das torcidas organizadas, clamando por sua extinção com a falsa premissa da não violência. Qualquer torcedor que frequente as arquibancadas tricolores de longa data sabe muito bem que os casos de violência são isolados e individuais. O ambiente das organizadas tricolores sempre contou com famílias e trabalhadores, inclusive desafiando velhos tabus homofóbicos da sociedade brasileira, tendo gays como presidentes de TOs, por exemplo. Na verdade, o único objetivo da satanização das torcidas organizadas tricolores foi liquidar protestos de oposição, já que estas surgiram deste tipo de cobrança e historicamente mobilizam ações críticas



contra as gestões do clube. O modelo a ser seguido era o da torcida que a tudo tolera, que aplaude sempre, incapaz de criticar mesmo diante de verdadeiras barbaridades em campo, quanto mais atos de dirigentes. Na verdade não se queria uma torcida, mas uma claque.

Outro fator foi a grande carga de publicidade a feitos despropositados, tratados como façanhas heroicas para confundir a opinião pública. O caso mais notório de todos foi a teatralização da ida à PGFN (Procuradoria Geral da Fazenda Nacional), mas a gestão tricolor da época tratou com grande carga midiática situações que iam do simples pagamento da folha salarial (obrigação natural do Fluminense) até mesmo a confusa concessão do Maracanã, onde supostamente o clube havia feito um bom contrato, mas

subitamente incluiu um aditivo que lhe subtraiu várias vantagens, o que fez com que o Fluminense passasse a ter prejuízo permanente no estádio. Para garantir a falta de transparência, o então presidente Peter Siemsen lançou mão da chamada cláusula de confidencialidade, que até hoje permeia boa parte da conjuntura jurídico-econômica do clube, enquanto a resposta esfarrapada é o dito Portal da Transparência, repleto de lacunas.

Destruir reputações foi outra marca a partir de 2013. Qualquer crítico dos disparates tricolores deveria ser tratado como inimigo de morte, de preferência assassinado virtualmente por uma enxurrada de xingamentos, calúnias, ameaças e outros crimes, todos coordenados na internet. Esse modelo destrutivo já tinha tido seu balão de

ensaio nas eleições tricolores de 2010, contra o então candidato Júlio Bueno, mas seu aperfeiçoamento criminoso veio anos depois, com a popularização das redes sociais e o surgimento vulcânico do WhatsApp. Outro nome linchado virtualmente foi o de Antonio Gonzalez, referência das arquibancadas e da Vanguarda Tricolor, grupo político que anos antes implementou a eleição direta para presidente do clube. É no mínimo curioso constatar que vários porta-vozes do establishment tricolor tenham passado anos e anos atacando pessoas diariamente nas redes sociais de manhã, à tarde e à noite, certamente usando tempo que deveria ser dedicado a outras atividades como a profissional, por exemplo. O que será que os levou a tanto ódio deflagrado por anos e anos até hoje? Dinheiro? Poder?

O discurso de austeridade financeira e "reconstrução" do Fluminense também é um marco desta quase década compreendida entre 2013 e 2021. Como os dados são imprecisos, fica no ar apenas o discurso oficial; contudo, não se consegue encobrir a enxurrada de ações judiciais que há anos inferniza semanalmente o clube, noticiada por grandes veículos de comunicação e pela imprensa alternativa tricolor. Os poucos dados públicos chamam atenção por contradizer os discursos oficiais.

Alianças e acordos políticos entre representações políticas e a imprensa já eram criticadas por Pulitzer no começo do século XX. Sempre tem sido assim e no Fluminense não é diferente.

Num primeiro momento de 2013-2021, o chamado "Blog da Flusócio" foi uma espécie de porta-voz da gestão Peter Siemsen, às vezes com o devido disfarce para sugerir independência. No fim de 2015, começo de 2016, quando houve a suposta cisão entre Siemsen e seu vice de futebol Mário Bittencourt, o grupo político "Flusócio" se dividiu, com seu herdeiro político "Tricolor de Coração" se tornando a plataforma do ex(?)-advogado do clube para disputar as eleições de 2016 e 2019. Segundo boa parte da opinião popular tricolor, o dirigente dissidente ganhou a simpatia do sítio de clipping "NetFlu", que em tese ofereceu generosas manchetes positivas ao candidato, além de defesas veementes por integrantes do veículo, bem como declarações de voto a posteriori. A fidelidade se manteve inclusive

com a derrota de Mário Bittencourt em 2016, indo até 2019 quando, por motivos incertos e não sabidos, o sítio de clipping e a maioria de seu *casting* passaram subitamente a criticar o novo presidente. Desde então, a Era MB tem como seu principal veículo de apoio o sítio de clipping "Saudações Tricolores", cuja defesa subliminar das bases da atual gestão é tão evidente que inspira regularmente um sem-número de memes na internet.

O assunto é amplo e permite debates, mas qualquer jornalista que se preze não pode alugar suas opiniões a serviço de um grupo. Não pode dar tapinhas nas costas de dirigentes, nem tomar café para acertar pautas ou manchetes. Quem faz isso não é digno da profissão, remunerada ou voluntária.

Agora, talvez o pior que possa ter acontecido ao Fluminense nos últimos anos foi o discurso institucional subjetivo de que estamos no máximo da capacidade. Um exemplo: "Antigamente lutávamos contra o rebaixamento, mas agora brigamos para ir à Libertadores". Chega a ser uma calhordice argumentativa no momento atual: quase metade dos clubes da Série A deverá estar classificada para a competição continental em 2022. E o lugar do Fluminense não é no meio de tabela. Segundo, lutar contra o rebaixamento não é exclusividade de outras gestões, pois a atual viveu momentos de tensão em 2019, só aliviados quando o Cruzeiro desabou de vez naquela temporada.

## ELENCO E ESCALAÇÕES: OUTRO PATAMAR

Embora nem sempre acertasse na mosca, a Era Unimed registrou muitos jogadores qualificados para o Fluminense. Alguns, nem tanto. Durante os anos da patrocinadora havia um problema: os jogadores da base não eram bem aproveitados, principalmente se um deles disputasse posição com um medalhão. A saída era certa. E mesmo que se diga que os investimentos feitos trouxeram menos títulos do que o esperado, é inegável que o Tricolor viveu de 2007 a 2012 um tempo de pleno protagonismo, mesmo com suas lutas contra o rebaixamento pelo caminho - uma delas épica, já contada em documentários e livros. Isso sem contar o drama da Libertadores 2008, que de toda forma registrou uma linda campanha. O



rodízio de craques e alguns títulos ajudava a amenizar qualquer crítica.

O problema maior veio ao fim de 2014. Com o rompimento da parceria com a Unimed, o Fluminense perdeu o rumo. Não havia se preparado para aquele momento e, ao contrário do que boa parte da torcida imaginava, a direção do clube não somente não tinha nenhuma carta na manga como não tinha a menor capacidade de captar um parceiro à altura. Então a solução foi baratear os custos e, conseqüentemente, a qualidade dos jogadores contratados. E assim foi feito, ao menos em tese. A rigor, a única exceção do novo "bom, bonito e barato" foi com a aposta fracassada em Ronaldinho Gaúcho em 2015, que não durou dez jogos. Muito se diz que essa cartada foi muito mais uma tentativa de resposta a saída da Unimed,

provando que o Fluminense tinha condições de trazer um grande astro, do que propriamente qualquer planejamento. Ou uma grande jogada já se pensando nas eleições de 2016: o Fluminense estava no G4 quando Ronaldinho chegou, ao fim do primeiro turno; se chegasse à Libertadores, inegavelmente dois atores políticos sairiam muito fortalecidos: Peter Siemsen e Mário Bittencourt, claro. A história deu até direito a uma "novelinha" publicada em capítulos no blog do jornalista Rica Perrone, até então um admirador declarado de Mário. Contudo, o fim da novela todo mundo sabe: Ronaldinho rescindiu, o Fluminense tapeou a derrocada no Brasileiro com uma supervalorização da Copa do Brasil, acabou eliminado pelo Palmeiras e só se safou do rebaixamento nas últimas rodadas. O desastre deixaria sequelas profundas: a saída de Mário

Bittencourt da vice-presidência de futebol, a divisão do grupo político "Flusócio" e a nova ordem já visando o processo eleitoral de 2016, um ano movimentado e atípico tendo em vista a nebulosa saída de Fred, a conquista da Primeira Liga (que hoje virou um álibi) e a batalha política que juntou as candidaturas de Pedro Abad e Cacá Cardoso, com o firme propósito de impedir a vitória de Mário Bittencourt.

Em 2017 o Fluminense parecia ter um de seus melhores times das últimas temporadas, a começar pelo meio de campo, ganhou a Taça Guanabara e tinha um futebol vistoso. Acabou perdendo a final para o Flamengo numa decisão conturbada com erro crasso de arbitragem (falta clara do zagueiro Rever sobre Henrique no gol de empate rubro-negro) e, a seguir, desfez novamente o

time. Acabou o ano mais uma vez na luta contra o rebaixamento, o que se repetiria em 2018 em 2019.

Para piorar, o clube se envolveu numa polêmica inacreditável, demitindo sete jogadores pelo WhatsApp a saber: Artur, Wellington Silva, Higor Leite, Marquinho, Henrique, Robert e Diego Cavalieri, goleiro campeão carioca com mais de 350 jogos pelo Fluminense.

Vale lembrar alguns dos jogadores que figuraram no elenco tricolor de 2015 a 2018 e que, no mínimo, tiveram a condição técnica questionada para jogar no Fluminense. Vejamos:

2015 - Wellington Silva, Giovanni, Breno Lopes, Pierre, Marlone e Lucas Gomes.

2016 - Ygor Nogueira, William Matheus, Felipe Amorim, Maranhão e Oswaldo.

2017 - Romarinho, Robinho, Peterson, Matheus Alessandro, Patrick Luan, Peu.

2018 - Pablo Dyego, João Carlos, Bryan Cabezas, Junior Dutra, Kayke e Everaldo.

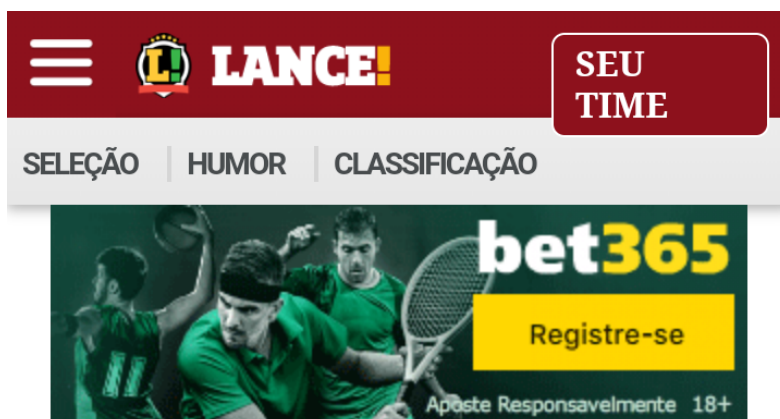
## A ERA ABAD

As disputas políticas no Fluminense costumam ser bastante acirradas e não foi diferente em 2016. Depois de muitas idas e vindas, a improvável aliança entre os grupos políticos (antagônicos) Flusócio e Fluminense Unido e Forte acabou acontecendo â última

hora, então derrotando o poderio econômico-midiático que cercava a candidatura de Mário Bittencourt, tendo Ricardo Tenório como vice. Desde que ganhou os holofotes por sua inusitada e desnecessária participação no julgamento do Caso Flamenguesa em 2014, MB ansiava pelo cargo presidencial - e tentou até o fim, quando no próprio dia da eleição, tentou convencer seu então adversário Celso Barros, para que retirasse a própria candidatura e fizessem uma aliança de ocasião, que não se consolidou.

Num primeiro momento, a aliança Flusócio/FUF parecia ser promissora, mas logo caiu por terra quando diversos acordos firmados foram rompidos, especialmente os vinculados à auditoria das contas tricolores. Os bastidores ruins, incluindo a saída do

Vice-Presidente de Projetos Especiais, Pedro Antônio, acabaram aterrissando no campo, veio o tradicional entra e sai de jogadores e, mais uma vez, o Fluminense chegou ao término do Brasileirão 2017 lutando para não cair. Meses depois, em maio de 2018, os vice-presidentes vinculados ao Unido e Forte renunciaram coletivamente, em total desacordo com a elaboração das contas do clube que seriam apresentadas e votadas dois dias depois, consideradas até hoje uma verdadeira barbaridade do ponto de vista ético.



## **Cinco vice-presidentes do Fluminense apresentam carta de renúncia**

*Diário Lance, 17/05/2018*

Se por um lado a "Flusócio" se aliviava de cobranças e explicações, não tendo mais oposição dentro da própria gestão, por outro as pressões externas aumentavam, esvaziando velhas táticas como a destruição de reputações nas redes sociais, bem como a terceirização de culpas, sem contar uma diretoria capenga. O estilo Abad, de retração permanente e sem respostas aos anseios da



torcida, foi cobrado energicamente com muitos xingamentos e pontapés verbais em todos os jogos. Ressalte-se no entanto que, mesmo com todos os inúmeros defeitos de sua administração, Pedro Abad jamais respondeu grosseiramente a seus muitos opositores, aguentou tudo calado e nunca ameaçou a imprensa segmentada tricolor, paradigmas que mudaram após sua saída.

Mas o estilo "Flusócio" de jagunçagem e justificação nas redes sociais jamais foi alterado, nem mesmo com o teórico fim do grupo político futuramente.

Com tamanho caos nos bastidores, o campo cobrou sua conta com um drama: o Fluminense chegou à última rodada do Campeonato Brasileiro de 2018 não podendo perder para o América Mineiro no Maracanã.

A descrença era tamanha que, apesar da promoção onde um ingresso habilitava dois torcedores, o público não chegou a 30 mil pagantes. A agonia aumentou com um pênalti marcado contra o Fluminense - o estádio virou um cemitério -, mas o goleiro Júlio César (em sua última partida pelo clube) defendeu heroicamente a cobrança. Ainda no primeiro tempo, Richard marcou de cabeça e salvou o Flu da desgraça maior.

O clima no Maracanã dentro e fora de campo era de tensão. Apreensão pela possibilidade de uma queda quase inesperada há um mês. Porém, o Fluminense seguiu o embalo de sua torcida, quebrou o jejum de oito jogos sem vencer ou marcar gols e bateu o América-MG por 1 a 0 no Maracanã. Richard foi o salvador o Tricolor, que ainda garantiu uma vaga para a Sul-Americana.

## CRISE PERMANENTE E A ANTECIPAÇÃO DAS ELEIÇÕES EM 2019

Definitivamente o Fluminense tinha virado uma nau sem rumo. O orçamento fictício que levou à renúncia de cinco vice-presidentes tirou qualquer perspectiva de sobrevivência da gestão Abad, bombardeada pela dissidência da "Flusócio" que seguiu com Mário Bittencourt desde 2015, e por parte da imprensa segmentada tricolor extremamente simpática ao pré-candidato. As contas tinham um rombo, o clube tinha zero credibilidade na praça, os patrocinadores eram humílimos (sem um master), não havia perspectiva esportiva. O bom senso recomendava a renúncia de Pedro Abad, hipótese rechaçada pelo presidente. Então, foi negociada uma saída inusitada: a antecipação das eleições tricolores para o meio do ano, com o novo

mandato tendo um semestre a mais do que o convencional.

Sem saída, a Flusócio não tinha condições conjunturais de manter uma candidatura.

Estava em xeque-mate. O que lhe restava era abrir mão do poder definitivamente ou tentar uma reconciliação política silenciosa com sua dissidência "Tricolor de Coração", agora na tropa de Mário Bittencourt. O antigo grupo "Fluminense Unido e Forte", absorvido pela "Frente Ampla Tricolor", teria outra candidatura.

Pouco tempo antes da votação, o desenho das eleições apontava uma chapa com Mário Bittencourt, Ricardo Tenório e Celso Barros, este como o CEO da candidatura. Em cima da hora, o jogo virou: Ricardo Tenório deixou

a chapa por não concordar em ser o vice-presidente, alegando que ele mesmo seria o cabeça da chapa, mediante acordo feito ainda em 2016. Para romper o combinado, Mário Bittencourt comentou o resultado de pesquisas de opinião que apontavam seu favoritismo. Com a parceria desfeita, a corrida eleitoral foi definida com Mário Bittencourt tendo Celso Barros no lugar de Tenório como vice, contra Ricardo Tenório tendo Wagner Victer como vice. Pedro Antônio, sempre especulado como pré-candidato, ficou de fora.

Durante a disputa, dois fatos chamavam atenção no mundo político tricolor: as dúvidas sobre a consistência da afinidade entre Mário e Celso, duas personalidades fortes e opostas, mais o aguerrimento de Wagner Victer nos debates, considerado

maior do que o do próprio candidato Tenório na labuta eleitoral.

As eleições antecipadas de 2019 confirmaram a vitória de Mário Bittencourt em 08 de junho de 2019, com um mandato de três anos e meio, muitas promessas e a natural desconfiança sobre um novo Fluminense, prometido desde 2011 mas comprovadamente antiquado.



**Mário Bittencourt** ✓

@oflumedomina

Em resposta a [@thsports\\_store](#)

No meu mandato, o Fluminense vai lutar para ser campeão de todos os campeonatos que disputar! Amanhã é 20!  
[#mariopresidente](#) [#vote20](#)  
[#tantasvezescampeao](#)  
[#mariobittencourtecelsobarros](#)  
[#oflumedomina](#)

12:50 · 07 jun 19 · [Twitter Web Client](#)

Dias depois da eleição, o grupo político Flusócio anunciou o encerramento das atividades em seu blog.

.

- O Fluminense está mais vivo do que nunca. É um clube que tem 5 milhões de torcedores, nossa marca é atrativa. Tanto que a nossa chapa foi procurada por empresas na eleição. Nós somos a história do futebol brasileiro e é inadmissível que quem sente nessa cadeira não entenda isso.

## A ERA MÁRIO

Três anos e meio depois de ser dispensado da vice-presidência de futebol por Peter Siemsen, finalmente Mário Bittencourt chegou onde queria: à presidência do Fluminense. Devido à antecipação das eleições, assumiu o mandato com Celso Barros como vice-presidente, mas sem seu conselho deliberativo, que só tomou posse ao final do ano de 2019.

Como esperado, prometeu um novo Fluminense, vencedor e saneado, pacificado politicamente e democrático. Mas os problemas logo surgiriam pelo caminho mais sensível, que é o campo. Com o Fluminense caindo pelas tabelas com Fernando Diniz, alguma coisa precisava ser feita. Celso Barros no dia da posse deixou claro que Diniz precisava mostrar resultados, e eles não vieram. O caldo entornou de vez diante da derrota para o



CSA no Maracanã por 1 a 0, resultado que pôs o Flu na zona de rebaixamento.

**Confira a nota oficial do clube:**

*"O Fluminense FC desligou, na manhã desta segunda-feira (19/08), o técnico Fernando Diniz. O clube agradece ao treinador e deseja sorte em sua carreira.*

*A diretoria trabalha na contratação do novo treinador e o auxiliar técnico Marcão assume a equipe interinamente."*

Se a demissão de um treinador em meio a uma temporada pode ser trágico, pior ainda pode ser a indicação de um substituto às vésperas de uma decisão de vaga na Sul-americana. Foi o caso de Oswaldo de Oliveira, que estreou com eliminação diante do Corinthians, não durou 40 dias no cargo

e saiu batendo boca com Paulo Henrique Ganso, além de mandar o dedão para torcedores em pleno Maracanã. Um pacote difícil. A dificuldade de se conseguir alguém para segurar o balaio de gatos tricolor levou a uma solução caseira: a efetivação do auxiliar Marcão como treinador.

32ª RODADA

## CLASSIFICAÇÃO

			PONTOS	JOGOS			PONTOS	JOGOS	
1	Flamengo	=	77	32	11	Vasco	▲1	42	32
2	Palmeiras	=	67	32	12	Atlético	▼1	40	32
3	Santos	=	64	32	13	Fortaleza	▲1	39	32
4	Grêmio	=	56	32	14	Botafogo	▲3	36	32
5	São Paulo	=	52	32	15	Ceará	▼2	36	32
6	Athletico	▲1	50	32	16	Cruzeiro	=	35	32
7	Internacional	▲1	49	32	17	Fluminense	▼2	34	32
8	Corinthians	▼2	49	32	18	CSA	=	29	32
9	Bahia	=	43	32	19	Chapecoense	=	22	32
10	Goiás	=	42	32	20	Avai	=	17	32

BRASILEIRÃO 2019  
ASSAI

10:00 PM · 11 de nov de 2019



Só restava ao Fluminense lutar contra o rebaixamento. A seis rodadas do fim do Brasileirão, o Flu encabeçava o grupo dos rebaixáveis, mas conseguiu reagir a tempo e se salvar, além de ser ajudado pela debacle do Cruzeiro.

Em 2020, já tendo Odair Hellmann como novo treinador, o Fluminense disputou a final do Campeonato Carioca mas foi batido sem dificuldade pelo Flamengo nos dois jogos da decisão (1 a 2 e 0 a 1). Para piorar, vieram a eliminação precoce para a Unión La Calera na Sul-americana e para o Atlético Goianiense na Copa do Brasil. Depois de um início difícil, o trabalho de Odair começou a dar resultados, muito focado na retranca e marcação, permitindo ao Fluminense uma boa colocação no Brasileiro, ainda que em nenhum momento o time brigasse pelo título nacional. Faltando menos da metade da competição, Odair recebeu uma proposta

milionária para trabalhar no mundo árabe e Marcão voltou a ser o treinador. O Fluminense, outrora vacilante, se firmou de vez na competição e terminou o ano num surpreendente quinto lugar.

Contudo, em muitas partidas o Tricolor irritou seus torcedores, com alguns destes indo à loucura por dois motivos: a quantidade de atuações de baixo nível técnico e substituições que davam o que falar. O caso mais evidente foi o do jogador Felipe Cardoso, que invariavelmente entrou em muitas partidas da temporada, mas manteve uma verdadeira Segunda Guerra Mundial contra a bola, além de ser curtidor contumaz de postagens ligadas ao clube da Gávea, fato que atraiu a ira de milhares de torcedores, só não tendo maiores consequências porque os jogos não tinham público em função da pandemia da covid-19.

De toda forma, a classificação à Libertadores deu novo ânimo ao universo Fluminense. Ainda que o Flu jamais tivesse chegado perto de disputar o

título brasileiro, a volta à competição continental elevou a auto-estima da torcida tricolor, mesmo que não se vislumbrasse um belo horizonte à frente.

Na temporada 2021, chegou o novo treinador, um velho conhecido das Laranjeiras: Roger Machado. Autor do gol do título da Copa do Brasil em 2007 e vice-campeão da Libertadores em 2008, Roger trazia excelentes lembranças dos tempos de jogador do Flu, mas como treinador se revelou um completo desastre. Depois de uma trajetória medíocre com atuações retrancadas como se fosse um time pequeno, o Fluminense chegou à final do Campeonato Carioca e perdeu para o Flamengo, sendo humilhado no segundo jogo da decisão, onde poderia ter perdido tranquilamente por seis ou oito gols de diferença. Porém, três dias depois do massacre sofrido, o Flu venceu o River Plate no Monumental de Nunez e tudo foi esquecido. Claro que a vitória na Argentina foi ótima, mas é impossível desprezar o fato de que o River tinha

quinze jogadores ainda em recuperação de covid-19, e isso certamente influiu no resultado.

O péssimo trabalho de Roger Machado durou seis meses, terminando com a justa eliminação na Copa Libertadores depois de dois empates insossos contra o Barcelona de Guaiaquil. É difícil dizer que Roger foi o pior treinador da história do clube, mas uma coisa é certa: dos piores, ele foi o que durou mais tempo no cargo. A verdade é que o Fluminense só avançou na Libertadores por causa da raça em campo e, particularmente, por grandes atuações do goleiro Marcos Felipe. Enquanto isso, apesar de poucos gols marcados, Fred conseguiu o suficiente para bater suas marcas pessoais, tornando-se o segundo maior artilheiro da história do clube e um dos maiores da história do Campeonato Brasileiro a partir de 1971.

Tanto o fracasso na decisão do Carioca quanto nas quartas da Libertadores tiveram o mesmo tratamento da grande mídia e dos dirigentes do

clube: o Fluminense fez uma "campanha digna" (pérola de Peter Siemsen, um verdadeiro campeão de mentiras no cargo de presidente), chegou onde podia, não dava para ir além, o dinheiro é curto. O alinhamento das narrativas entre clube é tão surpreendente que chegando a causar até estranheza.

Mais uma vez, Marcão deixou de ser auxiliar para assumir o cargo de treinador. O Fluminense não melhorou seu futebol, mas conseguiu bons resultados no Brasileiro. Na Copa do Brasil, foi eliminado com facilidade pelo Atlético Mineiro. Aos trancos e barrancos, mantendo-se no G-10 mas jamais dando qualquer arrancada para a disputa do título, contando novamente com grandes atuações de Marcos Felipe, o Flu conseguiu chegar à última rodada com chances de chegar à fase de grupos da Libertadores 2022.

Não dá para não falar do planejamento tricolor para a disputa continental de 2021, iniciada

meses antes: a 72 horas do fim das inscrições para a Libertadores, o Fluminense não tinha feito uma única contratação de porte para a competição. No dia seguinte, o Flu anunciou cinco nomes, todos eles liberados por seus clubes sem qualquer multa, com o Tricolor arcando com os salários. Eram anunciados como reforços, mas ficaram parecendo foi rebarba mesmo. O único do lote que conseguiu conquistar a torcida foi o zagueiro David Braz, que não jogava regularmente há duas temporadas mas parece estar em boa forma atual. Quem já viu um planejamento semelhante a este resultar em título?

Os discursos de ufanismo transformaram a partida final contra a Chapecoense em uma

verdadeira decisão de título, quando na verdade era apenas a tentativa de classificação ao certame continental, isso depois de uma vergonhosa e inexplicada derrota para o Bahia dias antes na Fonte Nova. O Fluminense acabou jogando o



suficiente para vencer o rebaixadíssimo time catarinense por 3 a 0, mas o gol cruel do Bragantino contra o Inter de Porto Alegre no último minuto selou a sorte do Flu: entrar na pré-Libertadores. Para os quase 50 mil pagantes no Maracanã, a decepção foi inevitável mas, se pensarmos bem, a colocação final não foi uma surpresa.

O discurso fantasioso aponta para um Fluminense que tem "alcançado seus objetivos" (nenhum deles relacionados a títulos ou ao menos disputá-los em condições de igualdade, a essência tricolor), mas a realidade aponta para um time que fez figuração em todas as competições que disputou em 2021, sem qualquer chance real de conquistar qualquer campeonato disputado. Permaneceu a irritação de muitos torcedores com as escalações e atuações do time tricolor, determinadas substituições que pioraram o Flu em campo e, em alguns casos, a saída súbita de jovens valores que, depois de irem

bem num jogo, sequer eram relacionados para o seguinte.

No meio do Brasileirão 2021, a coisa parecia tão confusa que até Fred resolveu gravar um vídeo, pedindo à torcida que não vaiasse o time por "doer na alma", depois de mais uma péssima atuação do Flu com pouco público no estádio, logo depois da reabertura das arquibancadas.

No discurso oficial - e rapidamente ecoado pela imprensa esportiva -, o Fluminense está "tirando leite de pedra", reorganizando suas finanças (?) e avançando. Na observação prática, o clube vive há anos da negociação de jovens jogadores da base, enquanto promove a alta rotatividade de veteranos sem resultados esportivos. Ainda que tenha novamente um patrocinador master depois de anos, o que é uma conquista, é claro que as sucessivas transações de jogadores causam prejuízo ao Fluminense, um dos clubes que mais sofreram ações trabalhistas no Brasil, fazendo

acordos e acordos sobre salários e tributos não pagos. E não dá para culpar as administrações anteriores até porque o atual presidente passou por várias delas, inclusive avaliando os contratos firmados.

Em termos esportivos, há uma confusão tamanha que a comunicação paralela da atual gestão, copiando maus exemplos anteriores, celebra até o simples pagamento de folhas salariais, mera obrigação da instituição. Simples acontecimentos são tratados como feitos épicos e todo o discurso é focado no apoio institucional, em se conformar que o lugar do Fluminense é o atual, em aceitar que os críticos do modelo que se mantém há quase uma década não são sequer tricolores, ou que só criticam por interesse político, cargos ou postos de trabalho no clube, ainda que 99% dos torcedores críticos jamais tenham sequer pisado em Álvaro Chaves.

Até o fechamento desta edição, o Fluminense estava prestes a contratar o volante Felipe Melo e o lateral direito Rafinha, duas negociações bastante contestáveis, além do lateral esquerdo equatoriano Pineida. Sobre o polêmico volante, conhecido por sua violência em campo e nos microfones, é no mínimo um contrasenso que seja contratado por um clube que faz a campanha do "Time de todos" - outro dos poucos pontos positivos da atual gestão, assim como a atitude inicial de não entrar em campo nem liberar o acesso de torcida na fase mais aguda da pandemia.

LARANJEIRAS, 23:53H (30/11/21)

Um silêncio de morte e vida, muita vida. Os heróis não morrem, aliás. Falamos deles há décadas e décadas. Pode ser Assis, pode ser Carlos Alberto Torres, pode ser Félix ou Didi ou Escurinho, pode ser Pinheiro, Romeu, Rodrigues.

Zezé.

Eu tenho dez anos de idade, um time de botões brancos e procuro pela mão de meu pai na arquibancada misteriosa, mas não sinto medo. Eu sou do lugar. Algo me diz.

[A trave que a tudo vê, contada por Sérgio Sant'anna, está no lugar de sempre mas não repara em mim. Ela já dormiu

Didi já cobrou suas faltas e foi embora. Edinho já cobrou suas faltas e também foi embora. Onde foi parar o gigantesco Welfare?

Telê correu demais por aqui. Escurinho também. Paulinho.

Eu estou na arquibancada alta e procuro pelo pó de arroz, que é meu oxigênio, meu espinafre, mas não há ninguém comigo.

[Eu tenho 26 anos e estou nas cadeiras azuis do Maracanã com meu amigo Flávio O Assustado, esperando um jogo com 600 torcedores

Nesta grama que brilha à luz do luar, quantos grandes êxitos não tivemos?

Desde os tempos de Chico Guanabara, das moças torcendo os lenços, do burro Faísca cuidando do palco, do super escudo na camisa branca de Marcos Carneiro de Mendonça, o primeiro gallant.

[Coelho Neto e Lima Barreto trocando porrada literária de mão cheia

Ali perto também passavam Dulce Thompson, Regina Uchoa, Marquinhos, Sartori, Madruga. Muito tempo antes, Guilherme Paraense. Bernard? Sim. Bernardinho também.

Eu tenho dez anos de idade, um time de botões brancos, iguaizinhos ao uniforme de 1980, com Edinho à frente. Cláudio Adão jogava demais. Gilberto. O jovem Deley.

Zezé.

O nosso tempo no futebol é outro. Crescemos, engordamos, sentimos as rugas, as dores nas articulações nada memória está ali, intocável, belíssima. Tricolores de 90 anos ainda se lembram do timaço dos anos 1930. Sessentões ficaram enlouquecidos com a Máquina. Cinquentões, com

a tropa de Assis. Os jovens adultos pularam com Deco, Cavalieri e Fred.

[Todos eles pisaram nesta grama que tem a vocação da história

Eu tenho 19 anos e venho de tarde para os treinos uma vez por semana, quando a faculdade dá folga. Jorge Pinto está sempre gritando aqui, geralmente depois dos grandes chutes de Dago. Depois vamos para o Gordon da Santa Úrsula e traçamos um Diabólico. Eu volto para a Pinheiro Machado e pego o 435.

Por aqui passaram Gentil Cardoso, Ondino Viera, Zezé Moreira, Zagallo, Evaristo, Parreira, tanta gente.

A arquibancada continua muito silenciosa, mas ela parece esconder cem anos de gritos, abraços e felicidade. Vaias também, estamos na Terra e não em outro planeta.



Agora podia ser quinze para as cinco de um grande clássico, prestes a explodir uma nuvem de pó de arroz que vai fazer tudo sumir e nos envolver por minutos, até que se dissipa e então vemos o Fluminense em campo. Gritamos Neeeeeeennnseeee!

Eu tenho um radinho de pilha em minhas mãos, velhinho, que ainda funciona. Se eu ligá-lo, tenho certeza de que o Fluminense entrará em campo mesmo no escuro para marcar um grande gol.

Perto daqui, depois do túnel, no Catumbi você pode ver outdoors com propagandas de Pepsi-Cola, Crush e Grapete.

Aqui do lado tem um palácio lindo.

Quantas pessoas viveram neste lugar? E sonharam em estar aqui? Eis o coração do football brasileiro, onde tudo nasceu: a Seleção, a torcida,

o chefe de torcida, a administração, a elegância, o sucesso popular – Pixinguinha e seus Oito Batutas, que até hoje ecoam na música brasileira com autoridade.

Eu tenho dez anos de idade e venho aqui com meu pai para ver partidas dos juvenis aos domingos de manhã. Depois caminhamos por quilômetros até Copacabana, não nos sentimos cansados e, se ele disser “Vamos ao jogo” eu ficarei elétrico, porque é o que eu mais espero ouvir a semana inteira.

[Veludo, Didi, Escurinho, Jair Marinho, Altair, Denílson, Carlos Alberto Torres

Eu tenho cinquenta e três anos, o fim está muito mais próximo do começo, não tenho direito a um aperto de mão na arquibancada deserta e charmosa das Laranjeiras, mas tenho a impressão de que já vivi coisas belas.

“Se quiseres saber o futuro do Fluminense, olhai para o seu passado”.

Virá uma longa noite, mas amanhã já é o futuro.  
Ele precisa ser construído.

[Se eu for embora agora, vou torcer para passar um 456 logo, que me deixa perto do Sumol, a três quadras de casa

HÁ MUITO MAIS EM JOGO, CAROS AMIGOS  
(17/11/21)

Logo mais tem uma partida. Mais uma de uma turnê que nunca termina, feito a de Bob Dylan. Não que vá mudar muito a temporada, porque não vai mesmo, mas é importante a vitória para o Fluminense. Sempre deveria ser, mas vivemos tempos, digamos, sombrios.

Acabou de começar a quarta-feira e penso que tem Fluminense por todo lugar. Quem pode acreditar que a torcida se resume à internet? A conta não bate. Então temos mais de um milhão de tricolores fora desse processo.

Penso em alguns tipos admiráveis.

O garotinho de uns oito ou nove anos com sua caixa de doces perto da Central, com sua camisa tricolor poída, tão menino e já lutando tanto,

sonhando com grandes gols mais tarde, sonhando em ser jogador um dia e fazer gola pelo Fluminense, mesmo que isso pareça quase impossível.

Seu Getúlio, vigia de um prédio na Tijuca, que não coloca TV na portaria de jeito nenhum por motivos perversos. Já preparou as pilhas do radinho para escutar o jogo lá longe, longe. Ele é tricolor desde os tempos de Denílson e Marco Antônio.

Paulinho, office boy há muitos anos, conseguiu sobreviver empregado em plena pandemia. É um sujeito de sorte. Mora em Queimados, faz uma longa viagem de trem todo dia e conta as horas para o fim do expediente. Vai correr pra casa, tomar um banho, preparar a janta, descansar um pouco e colar a vista na televisão, porque o Fluminense é seu combustível.

Falei de três casos. Podiam ser trinta mil. As histórias se repetem com personagens diferentes, e

todas elas têm o Flu como um objeto de amor identificado, num escudinho colado numa porta de vidro, na traseira de um carro ou num botão de panelinha perdido numa velha caixa de brinquedos.

Numa bola de borracha.

Numa fotografia.

Talvez num telhado de zinco.

Na parede de um barraco.

No muro carcomido de uma casa abandonada de um bairro respeitável. E daí?

Tem esperança, desejo, fé. Tem vontade de ser campeão, que faz falta. Tem a memória dos pais, avós, irmãos, gente que vai e vem porque, no fim das contas, o Brasil é uma república federativa cheia de árvores e gente dizendo adeus.

Sites? Blogs? Picocelebridades? Já pararam para pensar que, em todos os rincões do Brasil tem alguém que gosta do Fluminense? Tanta gente, tanta coisa, tanto ir e vir na vida?

Já se deram conta de que o futebol vai muito além de intensidade, flutuação, assistências, marcação dobrada e outras pérolas? Há muito mais em jogo, caros amigos.

## UMA SEMANA DE REFLEXÕES TRICOLORS (12/11/21)

O Fluminense precisa se libertar urgentemente desse movimento de farsa que insiste em rodear o clube.

Da irresponsabilidade de blogueiros chapa branca, passando pelo discurso de apequenamento de tricolores ignorantes, querendo fazer crer que o oitavo lugar é bom, ou que a Primeira Liga é um título dos maiores, até desaguar num mar de sandices, muitas vezes estimuladas por charlatões e picaretas no papel de jornalistas e influenciadores – sem que se conheça seus currículos fora do circuito gossip show tricolor. É claro que há boas e honrosas exceções, mas parte considerável dessa turma é chorume jornalístico.



Pior ainda são os promoters da gestão do clube, que não conseguem sequer disfarçar a cara de pau na defesa de “reforços” como Wellington, Lucca e, se bobear, até o devolvido Rafael Ribeiro, querendo tratar o público como idiota ao fazerem defesas de enos para os que conheçam minimamente a história do clube.

#####

Ninguém, absolutamente ninguém, vai determinar a hora que alguém deve ou não protestar ou vaiar quem quer que seja. Nem grupelho, nem jornalista sem currículo, nem presidente e o raio que o parta.

Quem quiser fazer claque, que procure vaga em programa de auditório.

#####

O Fluminense está mergulhado numa crise de identidade, talvez a maior de sua história. E boa

parte dessa crise é montada para manter o status quo, tudo ficando devidamente como está.

Discurso de ótima gestão de dívidas, valorização de campanhas medíocres, supervalorização de jogadores fracos, apequenamento de objetivos e promessas descumpridas, apoio incondicional em atuações pavorosas, patrulhamento de quem discorda do sistema, tudo isso não vem de agora mas, para a sobrevivência do Fluminense, é fundamental que não passe de 2022.

## TORCER PELO FLUMINENSE NÃO É FAZER PAPEL DE IDIOTA (08/11/21)

Historicamente, a torcida do Fluminense sempre foi de vanguarda. Não à toa, é do Flu a invenção da torcida e do chefe de torcida (viva Chico Guanabara!). E muitas vezes na história do clube ela foi decisiva. Relembro rapidamente três oportunidades: criticando muito em 1983, contribuindo decisivamente para a formação do time tricampeão; em 1999, mostrando sua força e dando ao Flu o quinto maior público do futebol brasileiro no pior ano de sua história; finalmente em 2009, empurrando muito o time para se salvar de uma situação tão grave que, doze anos depois, nenhum outro time conseguiu algo parecido no mundo.

Com as arenas, a gourmetização e o distanciamento do público tradicional, alguns setores tentam na marra criar um novo jeito de

torcer, principalmente por interesse político – um time vaiado pode atrapalhar os planos eleitorais de dirigentes. Mas marra somente, porque falta número para isso. Um modelo de torcida dócil, resiliente, que deve aceitar tudo oferecendo palmas e vibrando com a farsa da ‘maior gestão de todos os tempos’. O problema é não ter combinado isso com os torcedores.

Dias antes de Fluminense x Sport, correm rumores de que o presidente do clube reclamou a presença de torcida nas arquibancadas numa reunião com lideranças de torcidas organizadas. Seria mais fácil se o Flu não tivesse virado um figurante de competições: neste 2021, foi humilhado na final do Carioca, tratado como insignificante na Copa do Brasil, saiu da Libertadores sem um único jogo brilhante e no Brasileirão sonha com a vaga na Libertadores, porque desconsidera qualquer expectativa de briga pelo título. É uma temporada medíocre, queiram ou não. Hoje em dia, qualquer campanha mediana leva à Libertadores (quase

metade dos times da série A). Por tudo isso, entende-se que o Fluminense tenha colocado até aqui pouca gente na volta das arquibancadas.

Ironicamente, foi num jogo vazio que o time do Fluminense ofereceu seu piti, ignorando a torcida presente no sábado passado, provavelmente porque os jogadores, que parecem viver no mundo da Lua, consideraram um grande feito a vitória sobre um time (respeitável) na zona de rebaixamento no último lance da partida, assim ficando a mais de VINTE pontos do líder da competição. Diante de tal façanha, não podem ser criticados ou vaiados pacificamente.

O time que ofereceu esse piti é composto por jogadores que nunca ganharam nada pelo Fluminense, com exceção de um que não ganha há quase dez anos.

Torcer pelo Fluminense não é fazer papel de idiota. As provocações feitas por jogadores durante a

partida contra a própria torcida, culminando com a saída desprezível ao término do jogo, são fruto de uma mentalidade perturbada que, se não for debelada, vai levar o clube de vez à ruína.

Foi algo tão grave que, se alguém tem dúvidas a respeito, basta se perguntar: e se acontecesse a mesma coisa no time do Corinthians em Itaquera, do Palmeiras no Allianz Park ou do Inter no Beira-Rio? Uma coisa é certa: em nenhum desses clubes haveria passada de pano para tal situação.

O Fluminense é um dos maiores clubes do futebol mundial. Forjou a Seleção Brasileira, os estádios de futebol, a doutrina esportiva. Tem uma coleção centenária de histórias e sua torcida é soberana.

Ninguém vaia time que está bem ou que joga com garra total. Ninguém vaia time que está disputando títulos de verdade, em vez de fazer figuração e correr para não chegar.

O Fluminense é grande demais para ser tragado por essa mentalidade estúpida de Fluham. Quem ganha com o fato do Flu deixar de competir?

Torço sinceramente para que inúmeros setores tricolores se organizem para, de forma ordeira e pacífica, protestar contra toda essa mediocridade que tem assolado o Tricolor. Estão abusando da paciência de milhões de pessoas, desprezando crianças tricolores que, com dez ou doze anos de idade, só sabem o que é uma conquista por fotos, vídeos e raríssimas lembranças.

Todos os que participaram dessa palhaçada no fim da partida contra o Sport merecem uma sonora vaia, por uma semana inteira. Atitude de moleques mimados intocáveis, para um bando de marmanjos que ocupam um lugar sonhado por milhares de jogadores, mas estão insatisfeitos com suas condições de trabalho e seus salários milionários, muitas vezes bancados por torcedores que sacrificam um salário mínimo para comprar

uma caríssima camisa oficial, um ingresso ou uma mensalidade de associação.

A vaia só dói na alma de quem é ingrato e mau caráter.



UM NÓ DE NOVE ANOS (08/10/21)

O Fluminense levou um nó.

Mas não é de hoje. Faz muito tempo.

Na verdade é uma repetição de nós.

O primeiro foi há quase onze anos, quando o modelo de “Novo Fluminense” foi eleito.

À época, ainda tínhamos a força financeira da Unimed e isso permitiu mais um título brasileiro, afora participações na Libertadores, credenciado não como oitavo ou quinto, mas terceiro colocado ou campeão.

A saída da patrocinadora decretou o fim das grandes contratações no Fluminense, salvo veteranos no apagar das luzes profissionais. Isso, contudo, não significou o fim de contratos de valor

expressivo. Em resumo, a cada nova temporada houve decréscimo da qualidade técnica mas as despesas não diminuíram na mesma proporção.

Para alguns, mudou o patamar a partir de 2020: de recorrente candidato ao rebaixamento, o Tricolor passou a ser o “time bonzinho”, que até se classifica para a Libertadores mas não faz parte do rol de candidatos ao título. Chega às finais do Carioca, mas não ameaça. Avança na Copa do Brasil, mas tropeça na hora H. É um figurante, daqueles cujas letrinhas são desprezadas nos créditos de fim do filme.

Some-se a isso certo torpor coletivo, supervalorizando nomes incensados em manchetes de jornais e sites chapa-branca (ou que pretendam ser), desde jogadores medíocres a treinadores, e está pronta a receita de um time que, pela segunda vez em sua história profissional, se aproxima de uma década sem conquistas relevantes.

Outra maneira míope de ver a questão: os outros são todos iguais, temos a mesma chance que qualquer um. Ledo engano: se assim fosse, o Fluminense teria disputado/conquistado títulos assim como outras equipes brasileiras nos últimos anos, tais como Athletico, Bragantino ou Chapecoense, todas respeitáveis e também tomtem porque algum jogador fez ou não fez alguma coisa, mas sim porque esse modelo de erros estoura de tempos em tempos e aí nos assustamos, mais pelo passado glorioso do que pelo presente. Hoje, é absolutamente normal o Fortaleza dominar o Fluminense e vencê-lo até com facilidade: está à nossa frente no Brasileirão e nos ultrapassou na Copa do Brasil.

Aí num dia é o Marcos Felipe, noutro é algum jogador do Uram, noutro é qualquer um e, de vilão em vilão, ficamos a nos enganar a cada rodada, campeonato e temporada.

Somente em 2021 já tomamos um sufoco da Portuguesa nas semifinais do Carioca, fomos amassados feito paçoca na final e, de quebra, fomos ridiculamente eliminados da Libertadores e da Copa do Brasil. Em cada uma dessas ocasiões, procuramos culpados, vilões e bodes expiatórios, mas vem a semana seguinte, o gol cagado, as pessoas vibram e ninguém se lembra de nada quinze dias depois.

Hoje a gente xinga o Bobadilla e o Lucca, mas já xingamos o Felipe Cardoso e o Júnior Dutra, o Robinho e o Romarinho – que nos venceu ontem. O Wellington é o Airton ontem. Se o Danilo Barcelos e o Egídio são horrores, o Giovanni e o Orinho também eram. Mais do mesmo, trópico das repetições.

Lembram do Artur? Esse ano foi o Rafael Ribeiro. Tem o David Braz também. As histórias se repetem, as fórmulas são as mesmas e só duas instituições sofrem prejuízos evidentes: o

Fluminense e sua torcida. Os calotes do passado viram acordos a cada semana, isso sem sabermos o que virá pela frente.

Poderíamos falar de desastres diante do America de Natal e da Chapecoense. De eliminações esdrúxulas para o Avaí e o Atlético Goianiense. De vergonhas internacionais como Unión La Calera e Barcelona de Guayaquil. Tudo isso tem sido disfarçado por “campanhas dignas”. Comemorar que o Fluminense foi à Libertadores depois de oito anos. Ok, para ser figurante? Porque candidato ao título nunca foi.

É hora de encarar a realidade.

Mas será mesmo que todos os treinadores que passaram pelo Fluminense são medíocres por completo e não enxergam nada em campo? Ou aceitam um jogo sujo de concessões que explica determinadas escalasções extraterrestres? Longe de

pretender aqui uma sentença caluniosa, o que se espera é reflexão. Que tal pensarmos?

Estamos assim por falta de dinheiro? Ou na verdade o dinheiro é mal gasto? Transparência, ahahaha.

A derrota para o Fortaleza é apenas mais uma nessa tragédia de quase uma década. Perto de tudo que temos perdido, ela é pouco.

Onde foi parar o nosso senso crítico?

Até quando vamos comemorar meio de tabela como se fosse título?

Até quando seremos marionetes de fake news caça-likes de manipuladores de opinião?

Vamos insistir em rasgar o passado, os cento e dez anos de histórias maravilhosas no saldo, em troca de dez anos de mentira?

Em que outro clube é normal um agente de futebol dar esporro na torcida pelo jornal?

E um abestado que diz que a torcida não assina cheques, sem dizer quem paga a conta?

Num futuro próximo, está em jogo a sobrevivência do Fluminense. Ou se rompe com essa farsa de vez, ou assumiremos a condição de ex-grande clube. O bonitinho, o inofensivo, o que está satisfeito com a campanha digna a vinte pontos do campeão. O figurante.

Idiotas da objetividade já fizeram piadas de minhas comparações com o America. Eu entendo: um autêntico idiota precisa zombar para ocultar sua suprema ignorância. Há 40 anos, o America dividia o Maracanã com os outros grandes e disputava títulos. Hoje, não consegue chegar às semifinais da segunda divisão carioca.

Mais do que as análises macarrônicas de “intensidade”, “agudez” e “marcação alta”, a derrota para o Fortaleza é um soco na cara que, de tempos em tempos, deveria servir para despertar os brios tricolores, até que não aceitemos mais que o Fluminense seja, no fundo, apenas um escritório de aluguel de camisas. Devemos isso, em memória de nossos jogadores, torcedores e (alguns) dirigentes antepassados

O problema é o modelo.



## RECONHECIMENTO JUSTO

Se o Fluminense merece ampla comemoração pelo quinto lugar no Brasileiro 2020 e pelo sétimo na edição 2021, é preciso apagar a memória seletiva e reabilitar grandes passagens do Tricolor pelo certame nacional.

Que sejam louvadas as temporadas de 1975, 1976, 1982, 1986, 1987, 1988, 1991, 1995, 2000, 2001, 2002, 2005, 2007 e 2011. Em todas estas oportunidades, o Tricolor ficou entre os seis primeiros colocados da elite do futebol brasileiro.

## SOBRE O AUTOR

Carioca, nascido em 1968, bacharel em Estatística pela UERJ, frequentador da arquibancada tricolor desde 1974, autor de 20 livros sobre o Fluminense, Paulo-Roberto Andel é um dos escritores mais publicados do futebol brasileiro no século XXI. Editor do site Panorama Tricolor desde 2012, já colaborou em diversos veículos de imprensa. Atualmente é cronista regular do jornal Correio da Manhã e colaborador do Museu da Pelada. Em 2020 concorreu ao Prêmio Oceanos Itaú Cultural com o livro "Um botequim de Copacabana".

## RODA VIVA

A série Roda Viva foi iniciada em 2017 e é disponibilizada gratuitamente pelo autor, com o objetivo de tornar a literatura de futebol mais acessível ao grande público. Todos os oito volumes podem ser baixados sem custo algum no site Panorama Tricolor.

**RODA VIVA 8  
AS CICATRIZES  
2013-2021  
P. R. ANDEL  
FREE DOWNLOAD  
BETA DIGITAL  
VILAREJO METAEDITORIA  
PANORAMA TRICOLOR**

